

VALE DO GUAPORÉ: TERRITÓRIO DAS ESPACIALIDADES DAS CULTURAS DESVIANTESⁱ

“A coisa em imagem e a coisa em realidade
são uma única e mesma coisa
em dois planos diferentes de existência:
coisa e imagem” (SARTRE, 1996).

Avacir Gomes dos Santos Silvaⁱⁱ

Resumo. A compressão espaço-tempo é fenômeno natural? As conseqüências da modernidade são experiências universais? O cotidiano é tempo da mesmice? O lugar é espaço alienante? Neste ensaio colocamos em xeque tais questões, ao consideramos que existem modos de viver não convenientes e nem convincentes as leis do mercado. Na lida cotidiana, conjugada com o sentido de pertença ao lugar, indivíduos e grupos culturais se desviam das formas consumistas de espaço/tempo, por meio da utilização de táticas e *práticas desviantes*. Esses modos são encontrados nas cidades, por meio de vivências solitárias de *práticas desviantes*, mas nas comunidades ribeirinhas amazônicas, a *cultura desviante* funda a existência. Caminhantes entre mundos: o mundo das águas e o mundo da floresta, os ribeirinhos do Vale do Guaporé vivenciam espacialidades fugitivas da concepção universal, totalizante e naturalizante da lógica capitalista. Buscamos compreender a lógica das *culturas desviantes* no diálogo entre as espacialidades vividas entre as águas e a terra pelos ribeirinhos guaporeanos.

Palavras-chave: Vale do Guaporé, ribeirinhos e, cultura desviante.

132

I- Introdução

A preocupação em compreender o espaço para além de objetificação cientificista tem nos acompanhado ao longo de nossa trajetória acadêmica. No artigo, “Seringueiros da Amazônia: sonhadores da floresta” (SANTOS, 2007) apresentamos um primeiro ensaio sobre a força imaginativa dos seringueiros. Os quais recriam por meio de suas lendas, mitos, causos, histórias e devaneios vivenciados, na relação que eles estabelecem entre o mundo da floresta e o mundo das águas, o espaço vivido. Essa capacidade inventiva pode ser constatada nas espacialidades vivenciadas pelos ribeirinhos, também sobreviventes entre mundos: o mundo das águas e o mundo da terra firme.

Para este estudo consideramos espacialidades como as relações reais e ideais que indivíduos e grupos estabelecem com o espaço. As espacialidades se relacionam tanto as questões de ordem objetivas: economia, política, história, geografia; quanto subjetivas: signo, significado, significante, cotidianidade, imaginário e devaneio. Partilhamos do pensamento de Sahr: “o mundo é construído por signos. No entanto, qualquer tipo de espaço geográfico é embutido em representações e interpretações” (2007, p. 57).

Neste escrito apresentamos a caracterização das comunidades ribeirinhas, pela mediação dos elementos que podem ser encontrados numa localidade do Rio Guaporé ou de outros rios amazônicos. Estes grupos são portadoras de culturas singulares. No entanto, as espacialidades vividas no interstício do mundo das águas e no mundo das florestas mantém entre as comunidades ribeirinhas formas comuns de culturas, por nós caracterizadas de culturas desviantes.

II- Vale Guaporé: rios que embalam histórias e sonhos

O rio Guaporé e o território do Vale do Guaporé eram ocupados pela nação indígena os Moré, exímios canoieiros, navegavam por toda a extensão do vale e pelo território boliviano. Segundo Meireles: “a palavra ‘Guaporé’ é de origem indígena. Provavelmente a palavra varia de ‘Uaraporé’ ou ‘Guaraporé’, que aparece em algumas crônicas como o nome de ‘uma nação’ que vivia nas suas margens”. (1989, p. 14). Fora isso, segundo Meireles não sabe a origem de tal topônimo.

O Vale do Guaporé é formado de florestas de várzea e tropical, árvores gigantescas e matas de igapó quase intransponíveis. O principal rio da bacia é o Guaporé, que dá nome ao vale. Como descreve Meireles:

No seu longo percurso, o Guaporé vai delineando florestas e planícies. “A floresta é um estado de alma” – definiu Bachelard na sua fenomenologia do espaço – e os poetas sabem disso”. A planície “o sentimento que nos engrandece” – da definição de Rilke. O sentimento simbólico dessas paisagens se manifesta na produção do imaginário onde a imensidão conduz ao devaneio. (1989, p. 20).

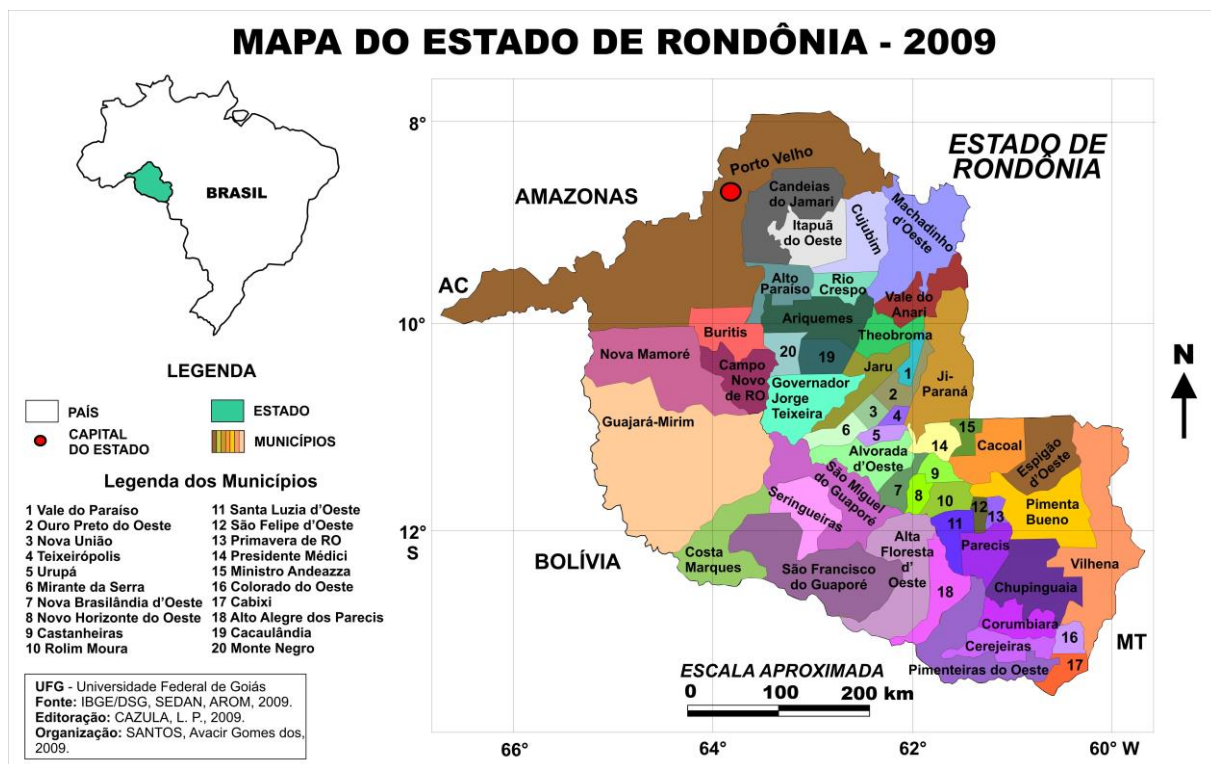
Andar pelas florestas do Vale do Guaporé, ou em qualquer parte da floresta amazônica, não é fácil para um cidadão, mas o é para o ribeirinho acostumado com o tamanho e emaranhado das árvores, a diversidade de bichos, o calor amazônico, a beleza das plantas, o cheiro do mato, o vôo dos pássaros, o som e a força

incontrolável das águas. A floresta é o mundo que encanta, mas que pode apavorar quem vive fora desse lugar. Florestas e rios se formam em amálgamas desviantes nas paisagens guaporeanas.

O rio Guaporéⁱⁱⁱ nasce no Mato Grosso e percorre as terras deste estado e de Rondônia e, determina parte da fronteira com a Bolívia, onde recebe o nome de Itenez. Sua importância é incontestável no campo das questões econômicas, sociais, culturais, ambientais e etno-históricas. Sua extensão, em conjunto com o rio Mamoré é superior a 1.700 km. Ao longo de suas margens foram implantadas as primeiras configurações espaciais que viriam a definir as bases da ocupação colonial das terras de Rondônia e do Mato Grosso.

O Vale do Guaporé é um território localizado na porção sul/sudoeste do Estado de Rondônia, abrangendo os municípios de Costa Marques, São Francisco do Guaporé, Alta Floresta, Alvorada d'Oeste, Primavera, Cerejeiras, Rolim de Moura, São Felipe, Alto Alegre, Pimenteiras, São Miguel do Guaporé, Parecis, Seringueiras e Cabixi. Observe a representação cartográfica do Estado de Rondônia, na próxima página.

No conjunto desses municípios localizados na área sul/sudoeste do estado, reside um contingente estimado em mais de 207 mil habitantes^{iv}. A maior população é formada por migrantes e seus descendentes que vieram para Rondônia entre os anos 1970 a 1990, durante as migrações para a formação das fronteiras agro-pastoris. Uma parte da população é constituída pelos caboclos ribeirinhos, descendentes de amazônidas e nordestinos, estes que chegaram ao território durante os ciclos da borracha. Também compõe a população os negros de origem quilombola, que têm sua ancestralidade ligada aos projetos de ocupação colonial da região por portugueses e espanhóis, indígenas de diversas etnias e seus descendentes, e por fim as populações bolivianas habitantes da fronteira.



O estado de Rondônia até 1970 era um território completamente de base extrativista. Sua economia girava em torno de quatro produtos naturais: borracha, castanha, ouro e cassiterita, cuja produção fora liderada pela borracha na década de 50 e pela cassiterita, na de 60, sem nenhuma representação mais significativa para o mercado nacional na área da agricultura, pecuária ou indústria.

Na década de 1980, com a abertura da rodovia BR-429, a região do Vale do Guaporé passou a receber um considerável contingente demográfico. A economia local, que até então tinha sua base de sustentação vinculada, principalmente, ao extrativismo de produtos da floresta e dos rios, é alterada para estrutura de base agropecuária e agroindustrial. As organizações espaciais dos extensos seringais e castanhais foram substituídas por outras configurações, “definidas” pelos projetos de propriedades rurais.

A nova reestruturação espacial de pequeno e médio porte objetivou atender, inicialmente, as necessidades das famílias de colonos que se instalavam na região, subsidiadas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). As grandes extensões de terra destinadas às fazendas de gado, ao longo do Vale do Guaporé resultam da opção política do governo brasileiro na reorganização do território rondoniense, ao privilegiar a monocultura e a pecuária em detrimento da

economia extrativista, realizada pelas “populações tradicionais”. A paisagem, como afirma Nogueira (2007, 2008, 2009) é um produto social.

Atualmente, o Vale do Guaporé abriga um importante acervo natural, se configura em uma área de preservação ambiental, conforme consta no Zoneamento Socioambiental e Ecológico do Estado de Rondônia. Suas terras compreendem a sub-bacia do Guaporé, que abrange um território com uma diversidade de ecossistemas formado de campos alagadiços, floresta várzea e floresta tropical. Tanto a fauna quanto a flora refletem a transição de preciosos ecossistemas como a floresta amazônica, os cerrados e o pantanal. A preservação e conservação da natureza situam o Vale do Guaporé como uma das mais importantes regiões rondonienses no tocante à biodiversidade, à ecologia e às questões socioambientais.

No território do Vale do Guaporé são encontradas as reminiscências da ocupação colonial portuguesa, das terras que formam o Estado de Rondônia, como as ruínas do Real Forte Príncipe da Beira e do Fortim da Conceição. Na região estão situados importantes sítios arqueológicos, fator que favorece a compreensão da formação dos povos ameríndios. Na atualidade, o Vale do Guaporé é um forte produtor de gado bovino e gêneros agrícolas diversos, tais como: café, inhame, arroz, mandioca, feijão, além de possuir um intenso fluxo de atividades extrativistas, voltadas para a castanha e outros produtos da floresta. A pesca abastece a região e os mercados de Porto Velho, Guajará-Mirim e parte dos estados sudestes brasileiros.

136

A cultura local é marcada por uma intensa tradição africana e indígena com forte matizes da religiosidade católica. Festejos seculares como a Festa do Divino^v, fluvial e binacional têm importância cultural e étnica indiscutível. Esta região se constitui em um mosaico de populações “tradicionais”: indígenas, caboclas, ribeirinhas, bolivianas e quilombolas, que se amalgamam na criação e recriação de modos de vida característico do território guaporeano e de grupos de culturas desviantes.

III- Comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé: portadoras de culturas desviantes

A formação dos agrupamentos humanos denominados de ribeirinhos está diretamente relacionada à história da colonização da Amazônia, no transcorrer do século XIX. Em 1877, levas de migrantes nordestinos foram “recrutadas” por seringalistas para áreas de seringais às margens dos rios amazônicos: Negro, Madeira, Abunã, Ji-Paraná, Acre, Mamoré, Purus e São Miguel do Guaporé. Do entrecruzamento do nordestino e as populações locais surge o ribeirinho. Na tentativa de construir uma análise antropológica, este é apresentado da seguinte forma por Corrêa:

A maioria é predominantemente de ascendência indígena, pois o tipo físico se associa a sua tez de pele, cabelos, olhos. Porém, alguns são miscigenados com nordestinos vindo, principalmente, dos Estados do Maranhão e do Ceará, por ocasião do ciclo da borracha. Além disso, o vocabulário comum assemelha-se à língua Tupi, às crenças nos “encantados” (panema, cobra-grande, mapinguari, o uruá-peará), contado pelos antepassados, são encontradas praticamente em toda comunidade ribeirinha, influenciando também os cidadãos amazonenses. (2003, p. 2).

O grupo cultural identificado em Rondônia como ribeirinho apresenta características comuns com a identificação formulada por Loureiro sobre as comunidades cablocas, que surgem do entrecruzamento e intercâmbio cultural entre os brancos colonizadores e os indígenas da região. Segundo Loureiro é preciso considerar:

[...] na constituição cultural da Amazônia – a predominância de índio sobre o negro e o branco. E evidentemente, dos caboclos, isto é, mestiços descendentes de índios e brancos. O caboclo desenvolveu uma vida na Amazônia que caracterizará a Cultura e o modo de vida dessa região. O caboclo é fundamental na compreensão da formação do espaço amazônico, com suas relações construídas e consolidadas caracterizam cada lugar da região amazônica. (1995, p. 24).

Para o desenvolvimento da nossa tese concebemos as comunidades ribeirinhas como portadores de culturas desviantes. Tendo em vista, que por meio de espacialidades vividas nos interstícios entre o mundo das águas e o mundo da floresta, essas comunidades conseguiram criar e recriar lógicas desviantes das concepções hegemônicas de espaço e tempo, apregoadas pelas interpretações científicas.

As culturas desviantes vivenciam as relações entre espaço, tempo, sociedade e natureza de forma simbiótica e mais integradora que as espacialidades concebidas e percebidas nas sociedades regidas pela lógica da produção para o consumo. As sociedades extrativistas, os grupos indígenas e as comunidades ribeirinhas

compõem o grupo das comunidades portadoras de *culturas desviantes*, pois como afirma Diegues:

Muitas delas ainda não foram totalmente incorporadas à lógica do lucro e do mercado, organizando parcela considerável de sua produção em torno da auto-subsistência. Sua relação com a natureza, em muitos casos, é verdadeira simbiose, e o uso dos recursos naturais só pode ser entendido dentro de uma lógica mais ampla de reprodução social e cultural distinta da existente na sociedade capitalista. (2008, p. 81).

Destarte, o ser ribeirinho e a cultura ribeirinha serão definidos tendo como ponto de entendimento as espacialidades materializadas nos espaços concebidos, percebidos e vividos. Nas vivências dos espaços percebidos o rio e a mata são elementos aglutinadores das culturas ribeirinhas. Os rios também foram concebidos pelos programas como espaços privilegiados para início da colonização na Amazônia.

Em vários momentos a ocupação dessa região será organizada das margens dos rios, para em seguida, se direcionar rumo à floresta. Este procedimento também foi utilizado pelo INCRA, durante a colonização rondoniense. De acordo com Oliveira: “o INCRA procurava sempre se instalar nas margens de algum curso d’água, pois deste dependia na fase de acampamento até a construção de poços, da sede administrativa, dos alojamentos e das residências dos funcionários, etc”. (2010, p. 53).

138

Esse movimento de ocupação da margem do rio rumo ao centro da floresta foi motivado pela presença de comunidades indígenas consideradas como “hostis”, que ainda não haviam sido aculturadas, o que futuramente ocorreria pelo processo promovido pelas ordens religiosas, e, posteriormente pelas instituições: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), fundada em 1910 e, a partir de 1967 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

As colocações dos seringais, os barracões, parte central do seringal também foram implantadas, preferencialmente, ao longo das margens dos rios, em pontos estratégicos para ocupação e controle do espaço. Os nordestinos que migraram para a Amazônia para extração do latex no primeiro e segundo ciclo do extravismo vegetal, foram aos poucos se integrando com as populações locais, principalmente indígenas, cablocos e mestiços. Desse encontro de culturas se constituiu o modo de vida ribeirinho.

Esquecidos em plena floresta amazônica, depois da crise da borracha, os nordestinos e extrativistas em geral se apropriaram dos espaços antes destinados aos antigos seringais. Os novos processos de ocupação da Amazônia doravante privilegiariam a implantação de vilas, agrovilas e cidades. No decorrer de um século de apropriação espacial entre as margens dos rios e a labiríntica floresta amazônica o ribeirinho recriou novas espacialidades, caracterizadas pela apropriação do espaço e a simbiose entre ser humano e natureza.

Etmologicamente ribeirinho se define como: “que anda ou vive pelos rios, que se encontra ou mora próximo de um rio ou ribeiro” (KOOGAN/HOUAISS; 1998). Para Ribeiro: “ser ribeirinho significa ir além da concepção de morada na beira do rio, representa viver e reconhecer-se como tal, uma vida marcada pela relação homem, rio e mata, uma interação sócio-cultural refletida nas representações ribeirinhas sociais e culturais”. (2010, p. 154).

O rio é o elemento fundante das espacialidades na vida ribeirinha. Ele é fonte de sobrevivência. O rio é o espaço socializado e socializante. O lugar de todos e para todos. Dele os ribeirinhos retiram o principal alimento. As pessoas moradoras das comunidades ribeirinha: homens, mulheres, jovens, idosos, crianças praticam a atividade da pesca. A plantação (roçado) e criação de animais são atividades econômicas secundárias. O pescado pode ser comercializado ou utilizado na troca direta de mercadorias de primeira necessidade.

Além da sobrevivência o rio garante a mobilidade do grupo. Pelo rio, o pescado é levado à cidade; as mercadorias chegam à comunidade; pessoas se deslocam cotidianamente. Pelas “estradas” dos rios os visitantes chegam às comunidades. No período colonial o rio era considerado a “estrada do monarca”.

Ao estudar a geograficidade dos comandantes e práticos das embarcações do Amazonas Nogueira (2006) indica as “*estradas aquáticas*” como percursos construídos pela mediação da vivência entre o ser humano e o movimento das águas das amazônicas. Mais que espaço de limite entre a água e terra firme, o rio promove uniões, separações e encontros. Ele se constitui em fonte socializadora entre as gerações e como espaço fundante das *culturas desviantes*, presentes no espaço vivido.

O rio se caracteriza como espaço/lugar do devaneio, sonhos e significados da vida. O rio é o elemento poético. Dele surgem as lendas, mitos, os seres encantados, os causos, os testemunhos. Ao pesquisar sobre processo de

constituição do imaginário das comunidades ribeirinhas Ribeiro identifica os seres encantados como elemento fundante da cultura ribeira. De acordo com autora:

[...] as narrativas dos seres encantados perduram na vida dos homens e mulheres ribeirinhos caracterizando a cultura desse grupo social. Estão ligados ao rio e a mata por fazerem parte deste meio, a maneira como desenvolverá a existência desses seres é particular por dependerem da experiência vivida de cada sujeito com os encantados. A eles são atribuídos explicações, valores e significações, tem lugar na vida e no espaço ribeirinho e são mecanismos culturais de preservação, continuação e sobrevivência das comunidades. (RIBEIRO, 2010, p. 140)

As leituras de imagens imaginários, mitos, devaneios e *poíseis* são significativas para compreensão do espaço vivido. Em relação ao imaginário Bachelard (2002, 2003, 2006) nos guia nesse mundo encantado, onde tanto o sonho, quanto a realidade são frutos da imaginação criadora. Segundo Bachelard (2003) o espaço é uma criação poética. Esta não é captada pelas medidas e estimativas dos planejadores urbanísticos ou pesquisadores imbuídos de cientificismo. O espaço é o indexador das lembranças e devaneios vivenciados na contemplação das águas, do fogo, do ar e da terra.

Dos quatros elementares, o mais propício aos devaneios é a água. Das águas, a maior inspiradora, de acordo com Bachelard é a do rio. O rio é matéria poética. A vivência com o rio, com as águas cria o sonhador. Assim recorda Bachelard (2002, p. 8):

Nasci numa região de riachos e rios, num canto da Champagne povoado de várzeas, no Vallage, assim chamado por causa do grande número de seus vales. A mais bela das moradas estaria para mim na cavidade de um pequeno vale, as margens da água corrente, a sombra curta do salgueiro e dos vimeiros. E quando outubro chegasse, com suas brumas sobre o rio.

As margens dos rios criam os poetas. As grandes civilizações surgiram às margens dos rios: Nilo, Mediterrâneo, Mississipi, Grijalva, Reno. Várias cidades no Estado de Rondônia se desenvolvem a partir do caminho das águas: Porto Velho, Ji-paraná, Pimenta Bueno, Costa Marques, Guajará-Mirim e Rolim de Moura.

Dos quatros elementares estudados pelo filósofo a terra e a água são mais presentes no imaginário das comunidades ribeirinhas. As águas dos rios, lagoas, lagos e igarapés e a terra, composta pela porção ocupada pela floresta de várzea, a mata, constituem a matéria do imaginário ribeirinho. De acordo com Nascimento Silva:

A construção interpretativa do mundo ribeirinho está carregada de sentidos, significados e símbolos nascidos dos conhecimentos acumulados na vivência cotidiana com o ambiente. Os mitos e as narrações míticas são elementos aos quais os indivíduos atribuem um significado e que por sua vez, orienta-os no mundo. Para as populações ribeirinhas, as codificações estão distribuídas em dois universos distintos: o universo das águas e o universo das matas, cada um contendo suas especificidades simbólicas. (2003, p. 231).

Para as comunidades ribeirinhas o rio, de águas multicoloridas, é o elemento unificador entre os mundos: real e sonhos. O rio, o igarapé, o poço, a lagoa, a cachoeira são fontes de subsistência, material e imagética, que sustenta a cotidianidade e sociabilidade dessas comunidades. Segundo Loureiro:

Os rios na Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humanas excepcionais. O rio é o fator dominante, confere um ethos e um ritmo à vida da região. Dele depende a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e destruição da terra, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo. (1995, p. 121).

As águas dos rios amazônicos povoam o imaginário do mundo ribeirinho. Elas criam e recriam significados dos entre mundos: vida, morte e renascimento. A matéria água é una. Segundo Bachelard: “os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana”. (2002, p. 17).

141

O rio é espaço pleno de significados, devanios, realidades, sonhos e poíeses. O rio é, como devaneia Loureiro: “o lugar onde a água é água por excelência. O rio é de água. O rio está vestido com a pele das águas”. (1995, p. 202). Ele inspira as lendas, mitos e causos da comunidade. O Boto (elemento do amor proibido), a Cobra-Grande (mito regulador do espaço). O rio se constitui fonte socializadora entre as gerações.

Viver entre mundos: espaço da terra e espaços das águas é ter a existência marcada de destruição, encontro, descontro, sonhos, pertencimentos e espacialidades que fogem a lógica da cultura dominante. Como afirma Loureiro: “é dessa dimensão de uma realidade mágica, que emergem para a superfície dos rios e do devaneio, os botos, as iaras, a boiúna, a mãe do rio, as entidades do fundo das águas e do tempo”. (2008, p. 8).

Nas comunidades ribeirinhas o espaço, o tempo, o trabalho, o lazer, a

religiosidade e os saberes significam e são significados pela *cultura desviante*. Para além da lógica capitalística transformadora de objetos e pessoas em mercadorias, os espaços-tempos para os ribeirinhos são apropriados em prol da vida coletiva. Nesse sentido, o rio é o espaço *desviante* entre a cidade, constituída de tempos-espaços rápidos, e a comunidade ribeira, composta de tempos-espaços divagares. No cotidiano dos ribeiros “o rio comanda a vida” (TOCANTINS, 2000).

A água, o rio, a mata, a floresta de várzea, são elementos fundantes *da e na* vida ribeirinha. Sobreviventes de entre mundos: das águas e da várzea, as comunidades ribeirinhas se constituem em *cultura desviante*. Por meio das práticas de apropriação do espaço os caminhanes recriam lógicas que se desviam ao controle imposto pelos grupos sociais dominantes. As culturas desviantes são organizadas por meios das *táticas* de apropriação espacial. Segundo Sahr:

Essas táticas representam “golpes” estabelecidos na teia material e relacional do sistema, ou de acordo com o autor (De Certeau), “movimentar-se no campo do inimigo”, que representa as fugas a normalidade imposta e a produção de agregações e territórios, no qual as afetividades desviantes possam se estabelecer em comunidades. (2007, p. 82).

As comunidades ribeirinhas expressam *culturas desviantes*, recriam, reconfiguram, remodelam, redesenham o espaço a partir de espacialidades que se desviam da lógica do espaço capitalista, materializado em projetos de colonização, que historicamente ignoraram e eliminaram a existência das comunidades “tradicionais”.

142

Para os ribeirinhos, que dividem o cotidiano entre o mundo da terra firme e o mundo das águas a capacidade de criar e recriar o imaginário por meio destas espacialidades é algo que atrai e desafia a imaginação. A água é fonte de sonhos e da vida, o rio, por sua vez, inspira a imaginação. A água sempre povoou o imaginário humano. Ela representa os significados possíveis entre os extremos da vida, da morte e da ressurreição.

Na organização social das sociedades capitalistas o espaço, tempo e natureza são concebidos como elementos de controle e dominação (Domina - Ação). Eles são fragmentados, calculados, valorados, comercializados em função do valor de troca que lhes foram embutidos historicamente, desde a primeira vez que um ser humano cercou um pedaço de terra e o designou como propriedade privada. Nas organizações sociais, regidas pela lógica capitalista, espaço, tempo e natureza são recriados e criados em função da *plusvalia*. Esses elementos se transformam

em produção, trabalho, lazer, turismo, festas, produção e reprodução das relações sociais.

Nas *culturas desviantes* a relação entre espaço, tempo e natureza se estabelece não pela dominação e, mas pela apropriação. A apropriação espacial e a posse da terra são definidas pela capacidade da comunidade em trabalhar a terra e fazê-la produzir. O direito ao território é garantido pelas “terras apalavradas”, ou pelas “divisas cantadas”, como aconteceu com a personagem Maria Diná ao encontrar o lugar que os pássaros da noite haviam lhe mostrado, para a implantação da comunidade, ali no grande vale ela cantou as Divisas de Javé^{vi}: “no rumo do cruzeiro do céu até onde a vista alcança, há de ser terra nossa; nesse contrário de rumo até onde o homem possa andar o dia inteiro de marcha, há de ser terra nossa, nesse rumo onde acaba o vale isto é Javé. Aqui criaremos nossos filhos com a dureza da pedra”.

No modo de vida ribeirinha os elementos: espaço, tempo, humano e natureza são concebidos na totalidade. A natureza no seu conjunto, florestas, rios, animais, terra, fauna e a vegetação, é a grande provedora dos meios de subsistência. O ser ribeirinho se percebe como um elemento a mais dentro desse sistema. O sentimento de pertença, ao lugar, a comunidade e ao grupo se expressa na atitude de apropriação e uso comum dos espaços sociais e de produção. De acordo com Diegues:

143

Essas formas de apropriação comum de espaços e recursos naturais renováveis se caracterizam pela utilização comunal (comum, comunitária) de determinados espaços e recursos por meio do extrativismo vegetal (cipós, fibras, ervas medicinais da floresta), do extrativismo animal (caça e pesca), e da pequena agricultura itinerante. (2008, p.68).

O uso e apropriação da terra, a produção e o produto do trabalho são bens coletivos. O fruto do trabalho, propiciado pelo extrativismo e a agricultura de várzea ou agricultura itinerante é apropriado pelos moradores das comunidades ribeirinhas amazônicas de acordo com suas respectivas necessidades. A priori, não existe a tendência a exploração exacerbada, ao acúmulo e lucro exorbitantes. As culturas tradicionais, entre elas as ribeirinhas, estão associadas, segundo Diegues:

[...] ao modo de produção pré-capitalista, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, onde há grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos da natureza, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam

diretamente o lucro, mas a reprodução social e cultural; e também, percepção e representações em relação ao mundo natural marcadas pela idéia de associação com a natureza e dependência se seus ciclos. Culturas tradicionais, nessa perspectiva, são as que se desenvolvem dentro do modo de produção da pequena produção mercantil. (2008, p. 84).

O tempo é vivencial, infragmentável. Os ciclos da natureza marcam a dinâmica temporal. A posição do sol define as horas e a rotina. As atividades domésticas executadas na beira do rio são momentos de socialização entre as mulheres, crianças e os jovens. A pesca é seguida de brincadeiras dentro d'água. A ida e volta do roçado ou da cidade para troca ou venda da farinha, do peixe, da banana e do açaí é acompanhada de cantigas, causos, novidades. Os festejos realizados nas comunidades ribeirinhas em homenagem aos santos, ou santas, padroeiros são acompanhados de quermesses e forró. Em síntese, trabalho, lazer, religiosidade são momentos e espaços interligados.

Nas comunidades ribeirinhas o espaço, o tempo, o trabalho, o lazer, a religiosidade e os saberes significam e são significados pela *cultura desviante*. Para além da lógica capitalística, coificadora do modo de produção e da reprodução das relações sociais, os espaços-tempos para os ribeirinhos são apropriados em prol da vida coletiva. Nesse sentido, o rio é o espaço *desviante* dos tempos-espacos 144 rápidos. Nas águas cálidas dos rios amazônicos o tempo se desenrola na lentidão, percebida pelo incesante murmúrio das águas, o calor do sol e o frescor das chuvas. O tempo e o espaço fluem na plenitude da vida e morte ribeirinha.

Os ciclos da natureza, representados pelos movimentos das águas: enchentes e vazantes interferem diretamente na dinâmica das espacialidades ribeirinhas. Um espaço, um rio; dois mundos totalmente diferentes, o tempo das cheias e das secas. A cada período das chuvas, de setembro a março, o desbarrancamento das margens do rio faz com que as pessoas da comunidade reorganizem o espaço doméstico e do cultivo. As casas de palafitas vão sendo recuadas das margens na vã tentativa de se vencer o fenômeno das águas, narrado poeticamente por Castro:

Subiam mais, subiam sempre, engolindo raizados nus, galhuças ribeirinhas e estendendo-se por baixo das barracas dos indígenas. A terra encharcava então. O manto aluvial, descendente do biblico, invadia lentamente, soturnamente, a selva arrepiada. Era pela boca dos igarapés, pelas gretas das margens, sobe, sobe, avança, transborda, mil linguas que se bipartiam aqui para se unirem de novo além, numa surda persistencia de extermínio. Hoje, um palmo; um metro, amanhã; um quilômetro depois e, por fim, léguas sem conta – toda a gleba traspasadinha, comos se a selva não fosse mais do que floresta submarina, trazida por artes magicas à superficie de nunca visto oceano. (2009, p. 131).

A reorganização espacial de casas, plantações e criações no período da seca se realiza como forma da comunidade se prevenir para o tempo das épicas e torrenciais cheias, que inundam os igarapés, lagos, lagoas e rios. É água sobre águas. Nessa temporada, dependendo da força das águas, o rio leva tudo que encontra pela frente, planta, bicho e gente. A vida entre mundos se transforma num só mundo, o mundo das águas. Para os ribeirinhos, o rio é repleto de significados. Lugar de garantia da vida, destruição, encontro, desencontro, sonhos e vivências, medos e alegrias.

Se no tempo das chuvas as águas dos rios transbordam e alagam lagos, lagoas, igarapés e as estradas, no tempo da estiagem os incontáveis igarapés que formam as vazantes do rio São Miguel do Guaporé se encontram praticamente secos. As praias de areia formam a nova paisagem em toda extensão do rio. Em certos trechos é possível cruzar o rio à pé. No tempo das chuvas as águas transbordam os rios, lagos, lagoas, igarapés e nascentes. No período da estiagem, na Amazônia, os caudalosos rios se transformam em riachos e os igarapés se evaporam. Esta contradição entre tempos das enchentes e secam constituem a dinâmica da vida e morte amazônica. (Veja, na próxima página, fotografias do Rio São Miguel do Guaporé no período das cheias e estiagens).

145

No Vale do Guaporé, a paisagem do rio São Miguel do Guaporé com suas inúmeras praias, de areia branca, bancos de areia no meio do rio, nos tempos das estiagens, difere daquele rio do tempo das chuvas. As frondosas árvores que durante as cheias ficam encobertas pelas águas, agora têm às mostras suas enormes raízes. Aliás, tudo, nesta época das secas, salta aos olhos do visitante. Os peixes, os animais e aves percorrem as parcas águas dos rios e igarapés a procura de alimentos.

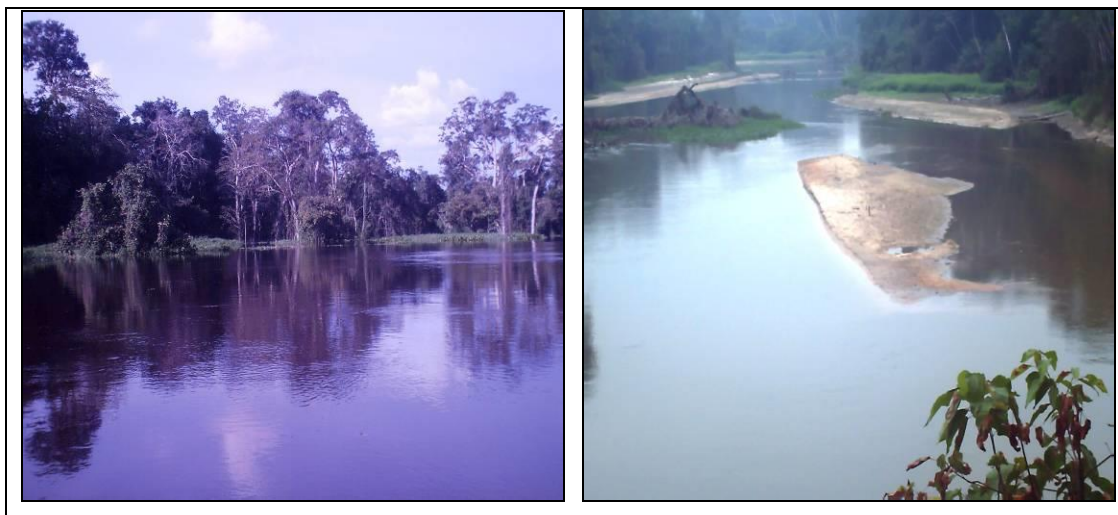


Figura 01. À esquerda fotografia do Rio São Miguel do Guaporé nos períodos das cheias. Figura 02. À direita, fotografia do rio no período das estiagens. Fonte: SANTOS/2009.

Em vários trechos das beiras dos rios imensos os troncos que foram derrubados pela força das águas, na última cheia, os bancos de areia, as gigantescas árvores, os pequenos galhos e as incontáveis folhagens se juntam e formam verdadeiras ilhas no meio dos rios, os quais dificultam a passagem dos barcos e canoas, o encontro das gentes da ribeira se torna mais difícil pelo caminho das águas.

Nos interstícios dos rios, igarapés, poços, lagos, lagoas, praias, ilhas e cachoeiras, tempos de chuvas e tempo de seca os povos ribeirinhos vivem a aventura do mundo imaginário em caminhos desviantes. Sonham com a chegada do próximo barco, sonham e, muitas vezes, sofrem com a chegada das chuvas e das enchentes. No entanto, rio é fonte imaginária que sustenta a cotidianidade e o sentimento de pertença ao lugar.

146

IV- Considerações finais

A diversidade de agrupamentos humanos nas planícies do Vale do Guaporé constitui a multiplicidade e singularidade das culturas locais, sua maior riqueza, é marcada pelo entrecruzamento étnico e intercâmbio cultural entre índios, negros, brancos, mulatos, caboclos, migrantes de toda a parte do Brasil e povos bolivianos. No contexto social essa diversidade de grupos estabelece entre si relações de reciprocidade, conflitos, desavenças, brigas, encontros, desencontros, negociações,

massacres, tréguas e ataques, fenômenos humanos característicos das disputas territoriais.

Na efervescência dos espaços amazônicos, as comunidades que vivem das e nas florestas e ribeiras, na criação e reprodução do seu *modo de vida*, experienciam processos de alteridades e entrecruzamentos. As culturas são intercambiadas, se mesclam, se superpõem, morrem, renascem e se revigoram constantemente. A vivência entre mundos das águas e o mundo das florestas; entre os processos de desterritorializações, entre povos e culturas constituem a simplicidade e complexidade do Vale do Guaporé.

Ao sobrevoar o espaço amazônico se visualiza um enorme tapete verde musgo, recortado pelos filetes das águas dos rios, tudo parado, homogêneo, imóvel. O olhar de cima, ou olhar daquele que vem de fora e vê apenas aquilo que os olhos foram programados para consumir, não captam a efervescência da vida na floresta. Para tanto, é preciso adentrá-la, por terra, pelos rios, sentir a diversidade de plantas e bichos; conviver com ribeirinhos, quilombolas, índios, caboclos, seringueiros; ouvir os sons e ruídos da floresta; navegar e nadar nos rios, lagos, igapós, lagoas, igarapés. “A vida portentosa da selva”. (CASTRO, 2009, p.160,). Tudo em movimento efervescente a sugar e renovar a vida e morte amazônica.

147

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston de. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- BACHELARD, Gaston de. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston de. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- CASTRO, Ferreira de. **A selva**. Lisboa: Guimarães Editores, 2009.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6ª ed., São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo, Escrituras, 2008.

- MEIRELES, Denise Maldi. **Guardiães da fronteira**: rio Guaporé, século XVIII. Petrópolis: Vozes, 1989.
- NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Santos. **O espaço ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, 2003.
- NOGUÉ, Joan Font (ed) El paisaje como constructor social. In. NOGUÉ, Joan Font. **La construcción social del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- NOGUÉ, Joan Font (ed) La valoración cultural del paisaje en la contemporaneidad. In. NOGUÉ, Joan Font. **El paisaje en la cultura contemporánea**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.
- NOGUÉ, Joan Font. **Entre paisajes**. Barcelona: Àmbit, 2009.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geograficidade dos comandantes de embarcações no Amazonas. In: **Amazônia ...** Goiânia: Terra Livre, v. 1, n. 26, 2006.
- OLIVEIRA, José Lopes de. **Rondônia**: geopolítica e estrutura fundiária. Porto Velho: Grafel, 2010.
- RIBEIRO, Marcela Arantes. **No espelho das águas**: um lugar ribeirinho no rio madeira. (Dissertação) Universidade Federal de Rondônia: Programas de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, Porto Velho, 2010.
- SANTOS, Avacir Gomes dos. **Seringueiros da Amazônia**: sonhadores da floresta. In: XI Encruento de Geógrafos de América Latina, 2007, Bogotá. XI Encruento de Geógrafos de América Latina. Colombia: Universidad Nacional de Colombia, 2007.
- SAHR, Wolf-Dietrich Gustav Johannes. Signos e espaço mundos - a semiótica da espacialização na geografia cultural. In: KOZEL, Salete et al. (orgs). **Da percepção e cognição a representação**: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, p.57-79, 2007.
- TOCANTIS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. 9ª ed., Manaus: Editora Valer. Edições Governo do Estado, 2000.

NOTAS

ⁱ As abordagens sobre as comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé, como portadoras de culturas desviantes, apresentadas neste artigo, compõem parte da tese de doutorado defendida no IESA/UFG em maio de 2011.

ⁱⁱ Docente do Departamento de Pedagogia - Campus Rolim de Moura da Universidade Federal de Rondônia.

E-mail: avagsantos@yahoo.com.br

ⁱⁱⁱ O rio Guaporé nasce nos contrafortes da Serra dos Parecis, em Mato Grosso. Em seu percurso de 1.716km corre inicialmente para o sul, a seguir para o oeste e, depois da cidade de Vila Bela, toma a direção norte-oeste. A 12ª de latitude sul recebe as águas do Mamoré, que vem dos Andes. Nesse encontro, suas águas límpidas e claras estabelecem um nítido contraste com as do Mamoré, carregadas de sedimentos. In: Meireles (1989, p. 15).

^{iv} De acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, os habitantes do Vale do Guaporé compreende o seguinte contingente: Costa Marques (13.700), São Francisco do Guaporé (16.019), Alta Floresta (24.392), Alvorada d'Oeste (16.853), Primavera (3.523), Cerejeiras (17.030), Rolim de Moura (50.899), São Felipe (6.018), Alto Alegre dos Parecis (12.819), Pimenteiras (1.297), São Miguel do Guaporé (21.828), Parecis (4.810), Seringueiras (11.649) e Cabixi (6.390).

In: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> . Acesso em 27 de fev de 2012.

^v A Festa do Divino tem sua origem em Portugal e foi estabelecida pela rainha Dona Isabel, casada com o Rei D. Diniz, por volta das Primeiras décadas do século XIV. Em Rondônia, a Festa do Divino tem expressividade no Vale do Guaporé, onde a população ribeirinha, procura manter viva a tradição do festejo. In: <<http://www.pakaas.net/dil.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

^{vi} O filme, “Narradores de Javé”, dirigido por Eliane Caffé (2003), retrata a realidade de uma comunidade de ribeirinhos, cujo povoado se encontrava no caminho das águas, e por isso será inundado para a construção de uma represa. O enredo se desenrola por meio da tentativa inusitada dos moradores em escrever a história do povoado, a fim de transformá-la em patrimônio cultural. A única forma de a comunidade garantir a posse das terras e não ser expulsa do povoado. O território de origem pertencente a cada morador da comunidade foi marcado, delimitado e passado de pai para filho por meio das “terras apalavradas”, das “divisas cantadas”. Cada pessoa só podia cantar apenas a porção de terra que tinha condições de cultivar. Ver sinopse do filme in: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Narradores de Jav%C3%A9#Sinopse](http://pt.wikipedia.org/wiki/Narradores_de_Jav%C3%A9#Sinopse)>. Acesso em: 10 mai. 2009.